

Ribeirinhas nas escolas: Cinema e Educação pelo

CERRADO VIVO

Projeto realizado com recursos da Prefeitura de Goiânia

REALIZAÇÃO



OBRAA

APOIO INSTITUCIONAL



**PREFEITURA
GOIÂNIA**
GESTÃO QUE RESOLVE

PRODUÇÃO



Iandê Verde



SUMÁRIO

01

Apresentação	03
Uma proposta de roteiro didático para professores e professoras.	
O cinema na escola:	05
Possibilidades da linguagem audiovisual para a educação	
Equipe geral “Ribeirinhas”	06
Ribeirinhas nas Escolas	07
Estrutura Geral da Proposta Pedagógica	08
1. Primeiro plano Raízes do Araguaia	
2. Cine-Debate Ribeirinhas	

02

Primeiro plano Raízes do Araguaia	11
1. Cerrado: o berço das águas no coração do Brasil	12
2. Cerrado: o berço das águas no coração do Brasil	17
3. Cerrado: O berço das águas pode secar.	19
4. Rios que nos unem: entre as margens da nossa cidade e do Rio Araguaia.	21
5. A ocupação do Rio Araguaia e de suas margens.	26
Nascente de Ideias: o Cerrado ampliado	27

03

Cine-Debate: Ribeirinhas	28
Cacica Valdirene Mahundiké	30
1. Biografia e Identidade	32
2. A Força das Águas	34
3. Protagonismo e Território	35
4. Dinâmica final: Pescando ideias	37
Pescadora Magda Maria	38
1. Biografia e Identidade	41
2. Empreendedorismo e coletividade	42
3. Sustentabilidade e meio ambiente	45
4. Dinâmica final: Pescando ideias	47
Bibliografia	48
Informações de imagens	50

Apresentação

Uma proposta de roteiro didático para professores e professoras.

Ribeirinhas nas Escolas é uma série documental que chega às escolas para dar visibilidade e valorizar a história de mulheres que vivem, às margens do Rio Araguaia, revelando suas trajetórias de resistência, organização comunitária e econômica e preservação ambiental. Sob a perspectiva delas, desvendamos o patrimônio cultural e social das comunidades ribeirinhas. Fazendo mais do que um percurso geográfico, conhecemos modos de vida que resistem e lutam pela preservação de um território hoje ameaçado por uma severa degradação ambiental: a degradação do Cerrado.

O projeto tem como ponto de partida a série documental *Ribeirinhas*, que acompanha mulheres que vivem, às margens do Rio Araguaia, revelando suas trajetórias de resistência, organização comunitária e econômica e preservação ambiental. Sob a perspectiva delas, desvendamos o patrimônio cultural e social das comunidades ribeirinhas. Mais do que retratar uma paisagem, *Ribeirinhas* convida o público a compreender os modos de vida construídos em torno

das águas e os desafios enfrentados por comunidades que convivem diariamente com os impactos da degradação ambiental.

Apartir de um levantamento realizado pela Delegacia de Repressão a Crimes Ambientais (DEMA) no ano de 2016, **existe a possibilidade real de o Rio Araguaia secar em 40 anos**, caso a situação de destruição do rio, promovida principalmente por agropecuaristas e produtores rurais, não seja corrigida. Tal conjuntura afeta diretamente as comunidades ribeirinhas, que possuem suas vidas entrelaçadas ao Araguaia, como a principal fonte de renda e cultura. Nesse contexto, as mulheres ribeirinhas assumem a linha de frente da luta pela preservação do Rio Araguaia. Como as grandes “**guardiãs do Cerrado**”, elas cultivam uma relação respeitosa e sustentável com suas águas e toda a natureza que o cerca.

A série *Ribeirinhas* se propõe a revelar essa realidade e pretende chegar a espaços que possam promover uma formação ambiental sensível para as novas gerações, tornando-as capazes

de transformar a realidade atual. Nossa proposta une educação ambiental e cinema sob o olhar feminino, trazendo para esse debate uma nova perspectiva que pode enriquecer a atuação docente. Queremos que os estudantes escutem essas vozes e desenvolvam um olhar crítico, transformando a escola em um espaço de diálogo e defesa da região que é considerada o “berço das águas” no Brasil.

Este material de apoio pedagógico foi fundamentado na **Lei nº 9.795/1999**, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e na **Lei nº 14.926/2024**, que reforça a obrigatoriedade da inclusão de temas como mudanças climáticas, biodiversidade e riscos socioambientais nos projetos escolares. Complementarmente, atende à **Lei nº 13.006/2014**, que estabelece a exibição mínima de duas horas mensais de filmes nacionais, integrando o audiovisual brasileiro à proposta pedagógica e às competências

previstas na **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**.

As atividades abrangem os componentes curriculares das áreas de Linguagens, Ciências da Natureza e das Ciências Humanas. Sugerimos que essas atividades sejam desenvolvidas com turmas dos sextos, sétimos e nonos anos do Ensino Fundamental II, mas não se limitam a elas. Afinal, **é na autonomia do professor que as práticas se renovam**, dando vida a aulas que conectam os estudantes com conhecimentos sobre a realidade dos rios e solos do principal bioma do Planalto Central Brasileiro.

Reconhecendo que o cotidiano escolar já é repleto de demandas extracurriculares, buscou-se facilitar o trabalho docente, dividindo a análise de cada personagem em uma sequência didática, a ser aplicada em duas aulas de 50 minutos. Cada episódio da série traz a história de duas ribeirinhas e cada sequência traz eixos temáticos

que dialogam com as propostas curriculares e pedagógicas da BNCC. As atividades podem ser desenvolvidas ao longo de todo o ano letivo ou em datas significativas, como o Dia Mundial da Água (22 de março), o Dia Mundial do Meio Ambiente (5 de junho) ou o Dia Nacional do Cerrado (11 de setembro).

Independentemente do período escolar escolhido pelo professor(a) para a realização das atividades propostas no material de apoio, o mais importante é que o cinema — através das histórias das ribeirinhas — promova na escola um espaço de fala e de reconhecimento da resistência cotidiana das mulheres pela preservação do Cerrado, do Rio Araguaia e, acima de tudo, pela vida de suas comunidades.

O cinema na escola:

**possibilidades da linguagem
audiovisual para a educação.**

Na relação entre cinema e educação podemos perceber inúmeros avanços e possibilidades. A utilização de filmes é uma linguagem pedagógica de muita importância para se desenvolver, a partir do conhecimento crítico, a competência narrativa dos estudantes. O filme é um objeto de análise, e no ambiente escolar pode ser trabalhado de diversas formas. A exibição de filmes e curtas-metragens fora do eixo tradicional, a formação de cineclubes ou a produção de vídeos escolares, entre outros tipos de ações ligadas ao audiovisual são algumas das possibilidades do cinema na escola.

Esse espaço se mostra como um espaço de resistência na exibição, discussão, formação, produção e divulgação do cinema, de vídeos, da linguagem audiovisual, em muitos momentos restritos a um pequeno grupo social, que frequenta os cinemas, muitas delas localizadas em shoppings, e festivais de cinema independente.

A presença do cinema na escola traz inúmeras reflexões e direcionamentos na busca por uma educação emancipatória. No processo da construção do conhecimento escolar, possibilita para os sujeitos vivências mais significativas. A produção audiovisual escolar é tema de reflexão do importante crítico e cineasta Alain Bergala. O referido autor propõe que os alunos produzam cinema na escola, porque se preocupa com o desenvolvimento do aspecto criativo/inventivo dos estudantes e enxerga, no cinema, uma possibilidade para o seu desenvolvimento.

A análise de vídeos diversos pode ser usada para que o aluno conheça sua realidade, produzindo narrativas, elaborando as tensões e conflitos sociais, além de desenvolver uma consciência histórica frente ao seu tempo. Levar o cinema para a escola demanda uma postura reflexiva diante das produções audiovisuais e dos temas retratados nas suas obras, pois o cinema também pode tirar o estudante do lugar-comum e

torná-lo produtor, criador de conhecimento, narrativas, imagens e sensações.

A compreensão da arte de fazer filmes — sejam eles curtas-metragens, longas-metragens, filmes clássicos, adaptações, ficções ou documentários — torna-se um instrumento de mediação entre professor e estudante. Nesse processo, podem-se criar meios para que os estudantes produzam narrativas e conhecimentos por meio dos filmes. A compreensão de uma narrativa fílmica traz uma nova linguagem para o ambiente escolar, contribuindo com a formação integral desse sujeito, na forma de viver no mundo, de ver o mundo.

EQUIPE GERAL

Ribeirinhas

Direção: Lidiana Reis e Fabiana Assis

Pesquisa: Lidiana Reis e Fabiana Assis

Direção de Produção: Barbara Santana

Assistente de Produção: Maria Mascarenhas

Direção de Fotografia: Mayara Varalho

Assistente de Câmera: Yasmin Nascimento

Técnica de som: Mayara Varalho

Edição e Montagem: Lara Guimarães

Marketing e mídia sociais: Talita Prudente

Estagiários: Hingred Guimarães e Marc Oliveira

Identidade visual e lettering: Gabriel Godinho

Com acessibilidade comunicacional.

A série Ribeirinhas foi realizada por um *grupo de mulheres* do cinema goiano, que atuam no fortalecimento de narrativas femininas do Cerrado.

RIBEI RINHAS NAS ESCOLAS

O roteiro didático visa à integração do cinema com a educação ambiental. Para facilitar o trabalho do professor ou da professora e tornar efetivo o uso desse conteúdo nas escolas, organizamos uma proposta de trabalho com a série Ribeirinhas em sala de aula. Essa proposta se divide em duas etapas de análise que conectam o conhecimento de campo à realidade das comunidades e das mulheres ribeirinha



Estrutura Geral da Proposta Pedagógica

1.Primeiro plano

RAÍZES DO ARAGUAIA

O ponto de partida é comum a todas as personagens da série e serve como base teórica. No primeiro momento, vamos trabalhar os fundamentos da educação ambiental, em que os estudantes irão refletir sobre o bioma Cerrado e a Bacia do Araguaia e caracterizá-los em seus aspectos geográficos, históricos e sociais.

Como isso será feito?

Esse roteiro apresenta uma sequência didática com o passo a passo para a execução do Primeiro Plano. O percurso inicia-se com uma dinâmica de apresentação do tema, seguida de uma exposição dialogada com slides (disponibilizados em anexo) e finaliza com uma atividade de síntese para consolidar os conceitos trabalhados sobre o Cerrado e o Araguaia.

2.Cine-debate

RIBEIRINHAS

A partir do segundo momento, o centro de análise volta-se para a série Ribeirinhas. O foco recai sobre seus depoimentos, diferentes realidades e atuações em defesa do rio. O Cine-Debate é o momento em que se conhecem as mulheres que vivem e protegem o Rio Araguaia diariamente. Nessa etapa, a partir da análise de elementos do cinema, os estudantes poderão reconhecer a importância da preservação do rio e das populações que vivem às suas margens.

Como isso será feito?

Cada plano de aula explora a história de vida das mulheres por meio da série Ribeirinhas. A metodologia de análise parte da decomposição de elementos técnicos e narrativos — como fotografia, som e montagem — e da atuação de cada protagonista. A partir de perguntas problema-

tizadoras, cada personagem será destacada por sua relação com o rio e por sua autodefinição. Também serão explorados os problemas reais enfrentados por elas e suas comunidades, como o isolamento, as mudanças no ciclo do rio e o acesso à educação e à saúde. O cine-debate finaliza com uma atividade de sensibilização, que visa promover uma reflexão crítica por meio da união entre os conhecimentos técnico e artístico do cinema.

Cada plano é dedicado à singularidade de cada mulher ribeirinha. Ao professor(a) cabe escolher o perfil que mais se adequa à sua realidade escolar e aos seus objetivos de aprendizagem.



DESTAQUES para o(a) professor(a)

A sequência didática já vem organizada para o uso direto em sala, economizando tempo de planejamento. O material une o embasamento teórico à potência narrativa do cinema, favorecendo o aprendizado dos estudantes. Em conjunto com o roteiro didático do(a) professor(a), elaboramos uma apresentação em slides abrangendo os dois momentos que podem ser trabalhados em sala com turmas do Ensino Fundamental II. A estruturação dos slides visa promover uma relação dialógica entre professores e estudantes, focando na construção de um conhecimento voltado à consciência ambiental.

Também elaboramos o Vocabulário de Campo, um guia de consulta que aprofunda temas centrais do Cerrado por meio de palavras-chave. Ele oferece referências teóricas e audiovisuais, com hiperlinks selecionados para apoiar o planejamento e o uso em sala de aula. O acervo inclui documentários, animações, entrevistas, reportagens e vídeos educativos, visando enriquecer o repertório docente sobre temas muito presentes no cotidiano escolar.

Primeiro plano

Raízes do Araguaia

Habilidades e competências

Geografia: Natureza, ambientes e qualidade de vida. (EF07GE11) Caracterizar dinâmicas dos componentes físico-naturais no território nacional, bem como sua distribuição e biodiversidade (Florestas Tropicais, Cerrados, Caatingas, Campos Sulinos e Matas de Araucária).

Ciências: Vida e evolução (EF07CI07) Caracterizar os principais ecossistemas brasileiros quanto à paisagem, à quantidade de água, ao tipo de solo, à disponibilidade de luz solar, à temperatura etc., correlacionando essas características à flora e à fauna específicas.

Objetivos de Aprendizagem

Objetivo Geral:
Reconhecer as características gerais do Cerrado e do Rio Araguaia.

- Objetivos Específicos:**
1. Identificar as características principais do bioma Cerrado (fauna, flora, clima) e sua importância para o equilíbrio hídrico do Brasil.
 2. Mapear a Bacia do Rio Araguaia, compreendendo sua extensão, afluentes e a influência do rio na vida das populações locais.
 3. Refletir sobre os impactos da ação humana (agronegócio, desmatamento, poluição) no Cerrado e na bacia hidrográfica.
 4. Desenvolver um sentimento de pertencimento, estabelecendo conexões entre os conceitos e a realidade física e cultural do território ribeirinho.

Primeiro plano

1. Raízes do Araguaia.

Material sugerido:

Canetão ou giz, quadro, data-show, televisão ou telão para apresentação de slides.

Tempo estimado:

50 minutos.

O professor(a) parte do conhecimento de mundo dos estudantes para construir novas perspectivas sobre o Cerrado, revelando-o como o berço das águas do Brasil. Ao explorar as raízes geográficas e históricas do Rio Araguaia, ele prepara o terreno para que o encontro com as mulheres ribeirinhas seja mais consciente e cheio de significado.

O(a) professor(a) vai apresentar o tema da aula a partir de uma pergunta:

"Se vocês pensassem no Cerrado agora, qual seria a primeira imagem ou sentimento que viria à mente?"

Anote todas as respostas no quadro para criar um **painel visual**. O objetivo é a livre associação despertar a curiosidade e o interesse do aluno ou da aluna, por isso, aceite todas as ideias sem classificá-las como certas ou erradas neste primeiro momento para valorizar o repertório prévio do aluno. Essa pergunta prepara o terreno para as questões sobre o rio, unindo a terra (Cerrado) às águas (Araguaia).

1. Cerrado: O berço das águas.

Se o Cerrado é considerado o berço das águas, por que temos a imagem de que nesse bioma existem somente árvores tortas, vegetação rala e natureza seca?

O coração do Brasil abriga um dos **biomas** mais ricos em **biodiversidade** do mundo e o berço de muitas de nossas águas. O Cerrado ocupa grande parte dos estados de Minas Gerais, Tocantins, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Bahia, além do Distrito Federal. Abrange ainda áreas no extremo norte do Pará, uma pequena porção do Amapá, Roraima e Rondônia, uma faixa central do estado de São Paulo e uma porção do Paraná.

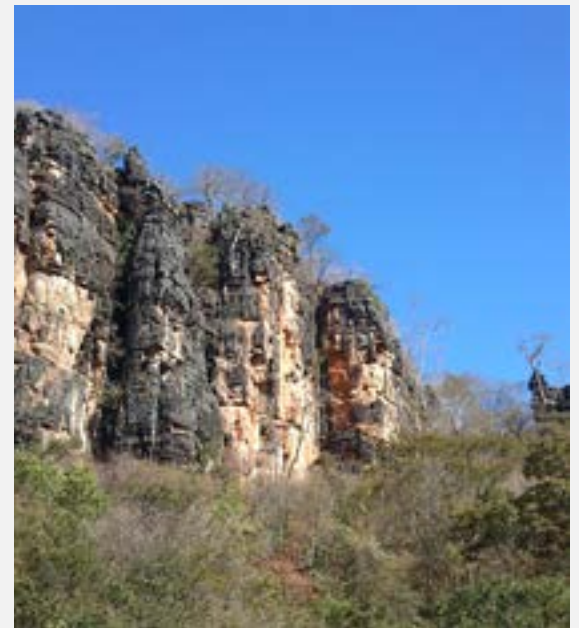
Nesse bioma encontra-se uma variedade de paisagens, fauna e flora, o que faz dele um dos maiores patrimônios da biodiversidade mundial. Suas espécies vegetais e animais são conhecidas por gerações devido ao seu enorme potencial alimentar, medicinal e utilitário. tivistas etc.), com séculos de experiência no convívio sustentável com o bioma.

Mapa 1

Mapa do Brasil com destaque para as áreas de ocorrência do Cerrado



Entre os cerca de 20 milhões de brasileiros e brasileiras que vivem na região, estão os povos e as comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, extra



Vocabulário de Campo:

1. Bioma: é um conjunto de vida vegetal e animal, constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação que são próximos e que podem ser identificados em nível regional, com condições de geologia e clima semelhantes e que, historicamente, sofreram os mesmos processos de formação da paisagem, resultando em uma diversidade de flora e fauna própria. Em nosso país podemos encontrar seis tipos de biomas: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pampa e Pantanal. O Cerrado, conhecido como a savana brasileira, é o segundo maior bioma do Brasil e da América do Sul. Esse bioma conta com uma vegetação bastante diversificada, que varia das formas campestres às formações florestais densas. A fauna do bioma Cerrado conta com um diversificado número de espécies animais como o lobo-guará, jararaca, veado-campeiro, anta, tatu, cachorro-do-mato, papagaio, seriema, tucano, ema, tamanduá-bandeira, onça-pintada, entre outros. O Cerrado abrange uma área habitada há muitos anos, principalmente por populações indígenas, como os Karajás, Avá-Canoeiros e Xerentes. Essas populações extraem do próprio bioma os recursos naturais que garantem seu sustento.

2. Biodiversidade: biodiversidade é a grande variedade de formas de vida (animais e vegetais) que são encontradas nos mais diferentes ambientes. Ela é formada por espécies vivas que compreendem plantas, animais e microrganismos, que povoam desde as profundezas dos oceanos até as mais altas montanhas. A biodiversidade é responsável por garantir o equilíbrio das espécies em todo o mundo, e a ligação estreita que existe entre os seres e o ambiente resulta em sistemas complexos, os ecossistemas, que reúnem fatores vivos e fatores não vivos (luz, água, ar, Sol etc.) que se relacionam entre si em equilíbrio realizando trocas de energia e de matéria. As florestas, a caatinga, a tundra, os cerrados, os rios, os oceanos, os lagos são alguns exemplos de ecossistemas.

Material de aprofundamento para o professor(a):

[Guia de campo- Vegetação do Cerrado. João de Deus Me-deiros, Brasília, 2011.](#)

[Perfil do Ecossistema Hotspot de Biodiversidade do Cerrado. ISPN, Conservação Internacional. Vários autores, Brasília, 2017.](#)

[Plantas do cerrado: conheça 12 espécies típicas da região. Portal de Conteúdo Escola Educação. Lara Pires, Goiânia/ Goiás, 2017](#)

Material audiovisual de aprofundamento para o professor(a):

[Sertão Velho Cerrado. Canal Documentando. Direção André D'Elia. \(96 min.\), 2018](#)

Material audiovisual para uso em sala de aula:

[Cerrado: a savana mais rica do mundo. Nossos Biomas. Canal TV Brasil. Direção: Manoel Borges. \(23min. 58s\), 2023.](#)

[Cerrado Vivo: Você conhece o Cerrado? Canal WWF Brasil. \(02 min. 47s\), 2014.](#)

[Vellozia, O Curta! Projeto Águas Cerratenses. Canal Vellozia. Direção: Pedro de Castro Guimarães \(13 min. 06s\), 2024.](#)

3. Povos indígenas: existem 156 territórios indígenas no Cerrado contínuo e 180 nas áreas de transição, totalizando 336 territórios. Nessas áreas, encontram-se 74 povos indígenas no Cerrado contínuo e 43 povos exclusivamente nas zonas de transição. Como alguns povos habitam ambas as regiões, o conjunto totaliza 117 povos indígenas (Tribunal Permanente dos Povos, 2022). Entre eles, os Iny Karajá destacam-se como habitantes seculares das margens do Rio Araguaia, nos estados de Goiás, Mato Grosso e Tocantins. Apesar da longa convivência com a sociedade não indígena, os Iny Karajá mantêm seus costumes tradicionais, como a língua nativa, a confecção de bonecas de cerâmica, as pescarias familiares e rituais como a Festa de Aruanã, além da produção de enfeites plumários, cestaria e artesanato em madeira. Em Aruanã (GO), essa resistência cultural é personificada pelo povo Karajá na aldeia Buridina, que preserva a identidade do grupo frente aos desafios da atualidade.

Material de aprofundamento para o professor(a):

[Verbete Povos Indígenas no Brasil: Karajá. Instituto Socio-ambiental \(ISA\). Manuel Ferreira Lima Filho, 2025.](#)

[Arte Iny Karajá: patrimônio cultural do Brasil. Iphan-GO. Organização: Nei Clara de Lima e Roseni Moreira Leitão, Goiânia, 2019.](#)

Material audiovisual de aprofundamento para o professor(a):

[Histórias e luta do povo Iny Karajá. Entrevista com a Cacica Valdirene Mahudikê. Canal Museu Nacional dos Povos Indígenas. \(57 min. 41s\), 2025.](#)

[A aldeia Karajá Buridina tem pela primeira vez uma cacica. Canal Portal G1. \(06 min. 01s\), 2025.](#)

Material audiovisual para uso em sala de aula:

[Casa de cultura karajá: Povos indígenas e sociobiodiversidade. Canal WWF Brasil. Direção: COIAB, Nesst, WWF-Brasil \(Mitã Xipayá e Tsami'e Xavante e Aka Buyá\). Direção: Lilia Assunção e Marissa Renaud, Andressa Neves. \(03 min. 09s\), 2025.](#)

4. Pescadores artesanais: a pesca tradicional no Cerrado é mais do que uma técnica de sobrevivência — é uma expressão cultural enraizada na relação íntima entre as comunidades ribeirinhas e as águas que as cercam. Os pescadores utilizam instrumentos simples, como tarrafas, anzóis de galho, armadilhas artesanais e canoas feitas à mão, respeitando os ciclos naturais dos rios e a reprodução dos peixes. Cada gesto na pesca carrega um saber ancestral, aprendido na observação da natureza e transmitido oralmente entre gerações. Há também um universo simbólico que envolve a atividade: cantos, mitos e rezas acompanham as saídas e os retornos, criando um vínculo espiritual com as águas.

Material de aprofundamento para o professor(a):

[Pescadores Artesanais, vazanteiros, retireiros e pantaneiros. Le Monde Diplomatique. Vários autores, 2020.](#)

[Pescadores do cerrado: cultura, sustento e resistência nas águas centrais. Blog Encantos do Cerrado. Luna Kamura, 2025.](#)

[Pesca artesanal: seu significado cultural. Revista eletrônica Ateliê Geográfico. Anelino Francisco da Silva, volume 3, número 1, UFG/IESA, 2009.](#)

Material audiovisual de aprofundamento para o professor(a):

[A Importância da pesca artesanal. Canal Rede TVT. Direção Pedro Stropassolas. \(03 min. 58s\), 2022.](#)

[A Pesca Feminina em um Ambiente em degradação. Canal Afrodiálogos. Direção: Lucimar Felisberto dos Santos. \(30 min. 06s\), 2024.](#)

Material audiovisual para uso em sala de aula:

[Vozes da Pesca: Mulheres que movem marés . Canal Oceana Brasil. Direção: Beatriz Ribeiro e Patrícia Bonilha, \(08min. 40s\), 2025.](#)

Então tem muita água no Cerrado?

Das doze principais regiões hidrográficas do país, oito têm nascentes na região: 1) a bacia Amazônica; 2) a do Tocantins-Araguaia (rios Araguaia e Tocantins); 3) a do Atlântico Nordeste Oriental; 4) a do Parnaíba; 5) a do São Francisco; 6) a do Atlântico Leste; 7) a do Paraná; 8) a do Paraguai.

Bacias hidrográficas com nascente no Cerrado



Vocabulário de Campo:

1. Áreas de Recarga hídrica: as áreas de recarga hídrica do Cerrado são regiões geográficas estratégicas onde a água da chuva se infiltra no solo e no subsolo, abastecendo os aquíferos subterrâneos e garantindo a perenidade dos rios. Suas áreas de recarga hídrica concentram-se principalmente em chapadões, serras (como a Serra da Canastra) e áreas de solos permeáveis (arenosos) que permitem a infiltração da água da chuva.

2. Bacias hidrográficas: área ou região de drenagem de um rio principal e seus afluentes. É a porção do espaço em que as águas das chuvas, das montanhas, subterrâneas ou de outros rios escoam em direção a um determinado curso d'água, abastecendo-o. A bacia hidrográfica é considerada a unidade territorial de planejamento e gerenciamento das águas. A Bacia do Tocantins-Araguaia possui cerca de 70% de sua água vinda do Cerrado, sendo vital para a região Norte.

Material de aprofundamento para o professor(a):

[Recarga e sua importância para as águas subterrâneas e para a sustentabilidade da agricultura na região do Cerrado. Notícias Embrapa. Neiva Lineu Rodrigues e Antônio José Cambraia Neto. Brasília, DF, 2021.](#)

[Resumo executivo: Plano de conservação para a bacia do Rio Araguaia. The Nature Conservancy Brasil. Vários autores. 2024.](#)

Material audiovisual de aprofundamento para o professor(a):

[As águas que brotam no cerrado. Canal Museu do Cerrado \(IAS\). Direção: Eliane de Castro e Gisela Maria. \(20 min.\). 2022.](#)

Material audiovisual para uso em sala de aula:

[Cerrado berço das águas. Canal do Senado Federal. Texto e edição de foto e vídeo Bernardo Ururahy \(02 min\). 2024.](#)

[Cerrado da água à vida. Canal Mostra Bem Estar de Cinema. Direção: Tainá de Luccas. \(04 min. 34s\). 2023.](#)

3: Cerrado: O berço das águas pode secar.

O Cerrado está em perigo?



Foto Augusto Miranda/MTur

Sim. Existem diversos fatores que ameaçam esse bioma atualmente: entre eles estão a agropecuária, a expansão das monoculturas e das pastagens, a instalação e operação de hidrelétricas, a expansão urbana, a mineração, a caça, a captura de animais, o extrativismo predatório da flora e a poluição generalizada.

Certamente, o coração, de onde emanam biodiversidade e água para todo o Brasil, encontra-se gravemente ameaçado. Mais do que conservar, é urgente recuperar o que já foi devastado, agir contra todas essas ameaças, garantir meios de fortalecer os povos do Cerrado, seus verdadeiros guardiões, agindo de forma a garantir o desenvolvimento sustentável do bioma. Caso contrário, possivelmente veremos grandes consequências em todo o país e por muitas gerações.



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil



Foto Fernando Frazão/Agência Brasil

Vocabulário de Campo:

1.Expansão de monocultura: a expansão da monocultura no Cerrado é o processo de substituição da vegetação nativa por imensas plantações de um único produto, como a soja, o milho e o algodão. Esse avanço da fronteira agrícola transforma paisagens naturais e ricas em biodiversidade em áreas de cultivo padronizadas e voltadas para a exportação.

Material de aprofundamento para o professor(a):

[A expansão do Agronegócio em Goiás e a subordinação do campesinato. Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Manoel Calaca \(UFG-Goiás\), 2014.](#)

Material audiovisual de aprofundamento para o professor(a):

[Expansão agrícola é a grande responsável pelo desmatamento no Cerrado. Canal Jornal Futura. \(03 min. 26s\), 2015.](#)

[Boletim Ciência: Monoculturas ou queimadas: O que mais degrada o solo? Canal Saúde Oficial. Neide Diniz, \(19 min. 33s\), 2025.](#)

Material audiovisual para uso em sala de aula:

[Cabeça de fogo. Direção: Lidiana Reis. \(09 min. 58s\). Goiás, 2024.](#)

**4: Rios que nos unem:
entre as margens da nossa
cidade e do Rio Araguaia.**

**Vamos olhar
ao nosso redor:
vocês conhecem
o nome de algum
rio que corre aqui
pela nossa cidade
ou região?**

Nesse momento é interessante anotar no quadro o nome dos rios que os alunos conhecem, ou você mesmo já escrever o nome de rios próximos a sua região, para criar um painel visual, chamando a atenção para os rios locais.

Qual a cor da água desse rio?

Ela é transparente, marrom ou verde?

Vocês já viram peixes ou outros animais vivendo nele?

Você já nadou ou pescou em algum desses rios?

No Estado de Goiás temos muitos rios: Caiapó, Vermelho, Crixás-Açu, Claro, Cristalino. Nossa região é considerada o berço das águas do Brasil. Temos nascentes de importantes bacias hidrográficas brasileiras. A Bacia Tocantins-Araguaia é uma delas. O Rio Tocantins nasce no Planalto de Goiás e o Rio Araguaia nasce na Serra do Caiapó em Mineiros, Goiás.

Na cidade de Goiânia, temos alguns rios que passam pelo município, como o Rio Meia Ponte, os ribeirões João Leite e Anicuns, e os córregos Botafogo e Cascavel. Se você não mora em Goiânia, pode fazer uma breve pesquisa sobre os rios da sua cidade ou próximos a ela.

Agora vamos falar sobre o Rio Araguaia?

O Rio Araguaia tem cerca de 2.115 km de extensão e nasce em Goiás, atravessa o Mato Grosso, Tocantins e Pará, onde deságua no Rio Tocantins. t

Essa região é considerada um **corredor ecológico** que conecta diferentes ecossistemas, como o Cerrado e a Amazônia, e serve de refúgio para espécies ameaçadas como onças-pintadas, ariranhas, botos e aves. Ela ainda abriga uma rica diversidade de peixes e sementes. Esse corredor também abriga diversas **comunidades ribeirinhas** que guardam uma diversidade de saberes e práticas de uso sustentável e preservação do rio e de suas margens.



Mapa 3
Corredor Ecológico - Rio Araguaia

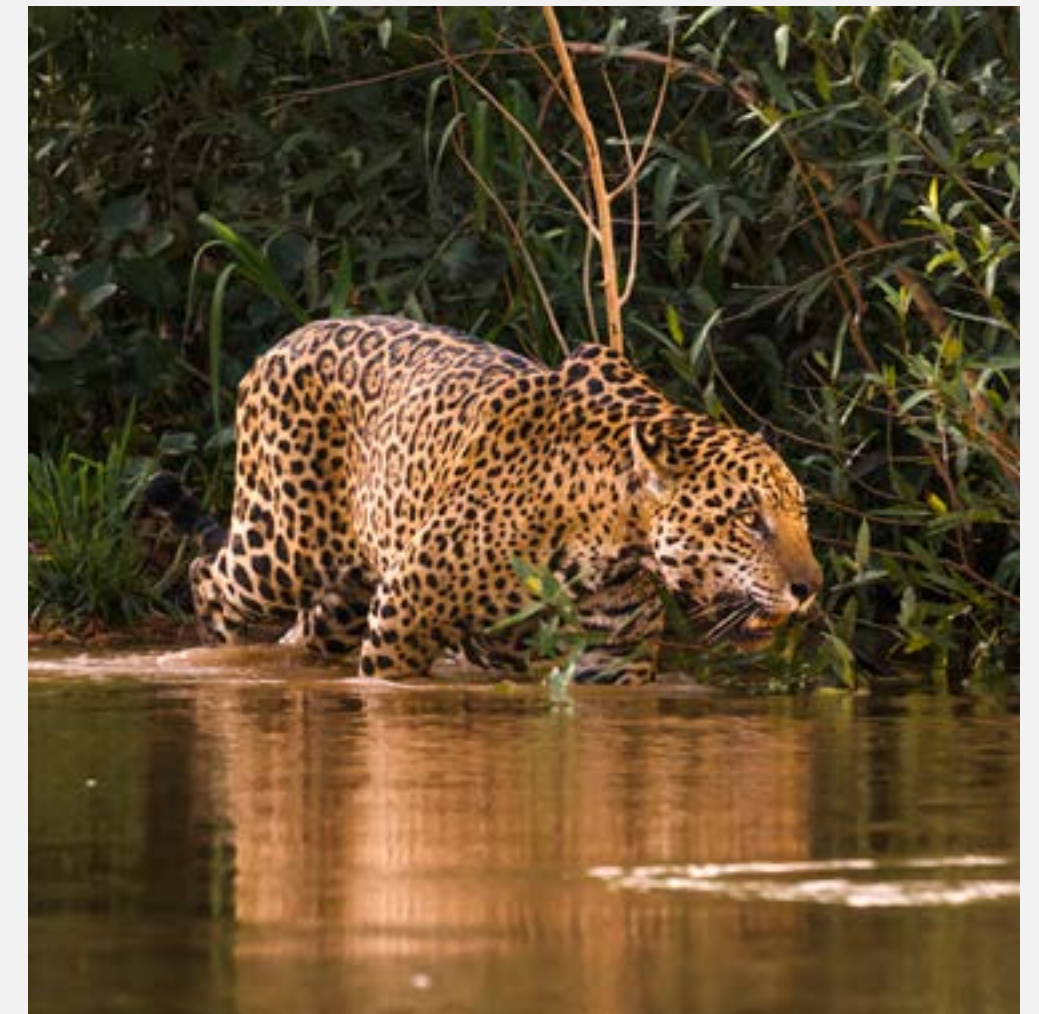


Foto Leonardo Ramos/Creative Commons



Foto Jorge Lansarin/Creative Commons

Segundo estudos divulgados em 2014, pela Delegacia Estadual de Repressão a Crimes Ambientais (DEMA) de Goiás, há a possibilidade real do Rio Araguaia secar em 40 anos!

O que podemos fazer para mudar essa situação?

O professor pode finalizar a discussão a partir da curiosidade acima, de que o Rio Araguaia seque em 40 anos. Essa pergunta vai ser respondida no final da segunda etapa da atividade.



Levi Carina Terribile, Lucas Jardim e Patrick Thomaz de Aquino Martins/Acervo dos pesquisadores

Vocabulário de Campo:

1. Corredor ecológico: os corredores ecológicos, também conhecidos como corredores de biodiversidade, são áreas que conectam fragmentos de matas, florestas e unidades de conservação isolados pela ação humana. Essas vias possibilitam o deslocamento de organismos entre diferentes regiões, intensificando o fluxo gênico e mitigando os efeitos da fragmentação ambiental. Ao permitir o trânsito de animais, esses corredores auxiliam na sobrevivência de espécies que ficariam isoladas ou que já se encontram em risco de extinção. O Rio Araguaia abriga cerca de 3 mil quilômetros do chamado 'Corredor da Onça', um projeto que monitora aproximadamente 5 mil animais da espécie. Segundo o Instituto Onça-Pintada (IOP), coordenador da iniciativa, mais de mil quilômetros dessa reserva estão no estado de Goiás, passando por cidades como Aruanã, na região oeste, e Luiz Alves, no norte goiano.

Material de aprofundamento para o professor(a):

[Araguaia: o maior corredor ecológico do mundo! Jornal Opção. Leandro Silveira, Anah Jácomo e José Alexandre Diniz, 2026.](#)

Material audiovisual de aprofundamento para o professor(a):

[Expedição Araguaia 2025. Canal Araguaia Vivo. Direção: - Thaís Oliveira e Mariana Telles \(19 min. 24s\), 2025.](#)

2. Comunidades ribeirinhas: grupos populacionais que habitam as margens, ilhas e áreas de várzea do Rio Araguaia. Sua identidade é definida pela íntima relação com o ciclo das águas (cheia e seca) e pelo uso sustentável dos recursos do Cerrado. Vivem predominantemente da pesca artesanal e da agricultura de subsistência, atuando como verdadeiros guardiões da biodiversidade local. Possuem saberes tradicionais profundos sobre o comportamento do rio e da fauna, sendo protagonistas na resistência contra os impactos ambientais que ameaçam o ecossistema do Araguaia.

Material de aprofundamento para o professor(a):

[Das matas, das beiras e dos rios: os ribeirinhos de São João do Araguaia \(PA\) e suas relações com o lugar. Anais do XV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Amarildo Silva Araújo, Nilson Cesar Fraga. 2023.](#)

[Ecoturismo no Rio Araguaia com visitas às aldeias Karajá, vivência do cotidiano ribeirinho tradicional e comidas tradicionais da região. Blog Viagens Culturais. Márcio Duarte. 2025.](#)

Material audiovisual de aprofundamento para o professor(a):

[Os ribeirinhos são fascinados pela riqueza Araguaia. J.A 1º Edição: Globoplay. \(06 min. 45s\), 2013.](#)

Material audiovisual para uso em sala de aula:

[Ribeirinhos se unem para retirar 20 toneladas de lixo do Rio Araguaia. Jornal do Campo Goiás. Globoplay. Esiquiel Ribeiro. \(05 min. 44s\), 2018.](#)

5: A ocupação do Rio Araguaia e de suas margens.

Estudos recentes definem o processo de ocupação do Rio Araguaia em três fases:

Primeira fase | 1513 a 1722: Viajantes partem em busca da lagoa de Paraupava que, segundo relatos dos povos indígenas, era uma lagoa grande e rica cheia de ouro, prata e pedras preciosas.

Segunda fase | 1722 a 1890: Avanço das frentes pioneiras e pela construção de aldeamentos e presídios.

Terceira fase | 1890-1970: Grupos estrangeiros invadem a região para a exploração de látex e metais preciosos, a implantação de fazendas agropecuárias e a construção de estradas para o transporte de grãos e outros produtos.

Atualmente, as margens do Rio Araguaia abrangem 145 municípios e uma população de aproximadamente 1,56 milhão de habitantes. No imaginário coletivo, ribeirinho(a) é quem vive à margem de um rio, ou até mesmo dentro dele, sobretudo em comunidades amazônicas, ou povos originários. Contudo, a relação das pessoas com o Rio Araguaia não se dá exatamente da mesma forma. Vamos conhecer essa relação ouvindo as próprias moradoras dessa região através da série *Ribeirinhas*.

Não se esqueçam:

**Ribeirinhos(as)
são sujeitos que
mantêm com o rio
um vínculo afetivo,
social e cultural.**



Foto: Joédson Alves/Agência Brasil

Nascente de ideias: o Cerrado ampliado

O professor(a) vai finalizar aula a partir da primeira pergunta:

"Se vocês pensassem no Cerrado agora, qual seria a imagem ou sentimento que viria à mente?"

Anote todas as respostas no quadro para criar um novo **painel visual**. O objetivo agora é observar como as ideias iniciais se transformaram por meio da exposição dialogada e se elas se relacionam com três aspectos fundamentais da aula, que preparam os estudantes para a segunda etapa da nossa proposta:

1. O Cerrado como berço das águas do Brasil.
2. O Rio Araguaia como uma região complexa, que abriga, além do rio, uma rica biodiversidade.
3. A importância das comunidades ribeirinhas e sua ligação afetiva, cultural e social com o rio. O essencial é que os estudantes relacionem a conservação do bioma Cerrado à manutenção do Rio Araguaia e à segurança socioambiental das comunidades que habitam suas margens.

CINE-DEBATE

RIBEIRINHAS

Habilidades e competências

Ciências:
Vida e Evolução

(EF07CI08) Avaliar como os impactos provocados por catástrofes naturais ou mudanças nos componentes físicos, biológicos ou sociais de um ecossistema afetam suas populações, podendo ameaçar ou provocar a extinção de espécies, alteração de hábitos, migração etc.

Geografia
Conexões e Escalas

(EF07GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.

Artes Integradas:
Patrimônio Cultural

(EF69AR33) Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design etc.).

Artes Integradas:
Patrimônio Cultural

(EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Ciências:

Vida e evolução

(EF09CI12) Justificar a importância das unidades de conservação para a preservação da biodiversidade e do patrimônio nacional, considerando os diferentes tipos de unidades (parques, reservas e florestas nacionais), as populações humanas e as atividades relacionadas.

Geografia

natureza, ambiente e qualidade de vida.

(EF08GE15) Analisar a importância dos principais recursos hídricos da América Latina (Aquífero Guarani, Bacias do rio da Prata, do Amazonas e do Orinoco, sistemas de nuvens na Amazônia e nos Andes, entre outros) e discutir os desafios relacionados à gestão e comercialização da água.

Linguagens

(EF69LP02)Analisar e comparar peças publicitárias variadas (cartazes, folhetos, outdoors, anúncios, spots, jingles, vídeos, etc.), percebendo a articulação entre elas em campanhas, as especificidades das várias semioses e mídias, a adequação ao público-alvo, aos objetivos do anunciante e às normas do gênero.

Objetivos de Aprendizagem

Objetivo Geral:

Explorar a série *Ribeirinhas* como ferramenta de educação ambiental, utilizando a leitura da linguagem cinematográfica para compreender o papel das mulheres como protagonistas na conservação do Rio Araguaia e na proteção do bioma Cerrado.

Objetivos Específicos:

- 1. Conhecer a história de vida da líder ribeirinha Valdirene Mahudiké e sua atuação em defesa do rio Araguaia e na preservação da cultura Iny Karajá.
- 2. Reconhecer a importância da cosmologia indígena ligada às águas do Rio Araguaia e o papel da educação, por meio do Colégio Estadual Indígena Maurehi, na preservação dos saberes tradicionais.
- 3. Conhecer a história de vida de Magda Maria e sua atuação em defesa do Rio Araguaia e da Piraíba através do grupo de pescaria feminina.
- 4. Identificar as diferenças entre pesca predatória e pesca esportiva a partir da experiência de Magda Maria.

CACICA
Valdirene
Mahudiké:

O pulsar do Araguaia



1. CINE-DEBATE

imersão na Série Ribeirinhas.

Tempo sugerido:

50 minutos

Materiais sugeridos:

Canetão ou giz, quadro, televisão, internet.

A proposta de atividade para o primeiro episódio da série Ribeirinhas traça um caminho que conduz os estudantes do campo das ideias à ação prática na comunidade da Cacica Valdirene Mahudiké.

Orientações:

O objetivo desse momento é destacar a produção audiovisual (documentário) como uma linguagem que pode enriquecer o processo de construção do conhecimento escolar. Possibilitar uma visão global e ao mesmo tempo singular de um fenômeno social, no caso, a devastação do Rio Araguaia e do Cerrado. Iniciaremos observando como os elementos visuais, o cenário e as cores compõem a série. O objetivo é compreender como essas escolhas de enquadramento e narrativa cinematográfica orientam nosso olhar e transformam nossa forma de ver a realidade. Dessa forma, o cinema torna-se uma linguagem para que o estudante acesse novas realidades e explore possibilidades de transformação social e ambiental.

Primeiro, vamos assistir ao relato completo que narra a trajetória da nossa personagem para, em seguida, realizar uma **análise de cenas** com pausas programadas, permitindo que a turma retome trechos essenciais para discutir a relação entre a preservação do Cerrado e a realidade das comunidades ribeirinhas.

O professor(a) vai retomar as três últimas perguntas da aula passada de forma breve e objetiva, relacionando o **Cerrado, o Rio Araguaia e as comunidades ribeirinhas**.

O professor(a) também pode escrever em destaque no quadro: **O rio Araguaia pode secar em 40 anos - Portal G1/2014.**

1. Biografia e Identidade:

Após assistir ao episódio, os estudantes são convidados a traçar um perfil da nossa primeira mulher ribeirinha, destacando elementos visuais, aspectos pessoais, trajetória e os marcos de sua história de vida.

Roteiro de observação

1. *Antes de surgir na tela, ouvimos a voz de Valdirene. Quais são as imagens que antecedem a figura dela na tela? Como é o local em que ela conta sua história? Acontece algo no cenário de fundo enquanto ela conta sua história?*
2. *Como Valdirene se apresenta? Como ela se veste? Quais são suas características físicas?*
3. *Como se chama sua aldeia e onde ela se localiza?*
4. *Como está a situação das terras do povo Iny atualmente?*
5. *“Eu lembro até de um episódio, assim do meu tio que ele pegou e falou assim: Não, a mulher tem que ficar em casa, cuidando dos filhos, cuidando dos afazeres, do esposo. Aqui é uma reunião de homens.” “Valdirene, relatando a fala do seu tio”. Em que medida a frase acima não condiz com a prática de Valdirene em sua comunidade?*
6. *Quais elementos surgem na imagem que se relacionam com o fato de essa comunidade viver na beira do rio Araguaia? Como é a natureza da beira do rio que é mostrada no episódio?*

Vocabulário de Campo:

1. Bonecas Ritxòkò: são figuras de cerâmica produzidas pelas mulheres do povo indígena Karajá (Iny), no Brasil, representando personagens humanos, mitológicos e do cotidiano. Feitas de argila, pintadas com pigmentos naturais (carvão, jenipapo e urucum) e com cerca de 10 cm, funcionam como brinquedos educativos e símbolos de resistência cultural.

2. Grafismo Karajá: é uma expressão artística e cultural ancestral, caracterizada por desenhos geométricos e formas inspiradas na natureza (rios, animais, plantas), utilizados na pintura corporal e em artefatos como as bonecas de cerâmica Ritxòkò. Mais que decoração, esses padrões pretos transmitem identidade, cosmovisão e pertencimento familiar.

Material audiovisual de aprofundamento para o professor(a):

[Ritxoko. Canal Museu Antropológico UFG. Direção: Neto Borges \(42 min. 52s\), 2011.](#)

[Ritxoko - Cerâmica Karajá \(T0\). Canal do Museu Nacional dos Povos Indígenas \(MNPI\). Realização Museu do Índio / FUNAI. Coordenação geral José Carlos Levinho. \(06 min. 58s\), 2018.](#)

[Oficina de grafismo indígena Karajá. Canal Tear e Poesia de Arte Têxtil Preta Nativa. Coordenação Geral Rita Maria. \(05 min. 50s\), 2020.](#)

2. A Força das Águas

Aqui, o foco volta-se para a relação com o Rio Araguaia. Os alunos irão descobrir a profunda ligação ambiental, cultural e de sobrevivência do povo Iny Karajá com o rio.

Nesse momento vamos assistir novamente a cacica Valdirene contando o mito de origem do povo Iny. (02 min. 57s a 04 min. 30s).

“Nossos avós falam pra gente o mito da.. que nós viemos do fundo do rio. Então a gente tinha uma aldeia do fundo do rio e aos poucos tinha sempre um índio curioso, tem sempre alguém curioso, ele subiu para ver como que era na Terra e aí ele olhou e viu que na terra é tudo verdinho, tudo bonito né? E aí eles foram e chamou os outros, né, para poder ver e aí eles vieram, mas aí tinha um que chamava Koboí. Koboí ele era bem gordinho, ele passou, aí, quando ele tentou passar pelo buraco, ele ficou preso e aí quem veio, os Iny que subiu pra terra não teve como retornar, por que ele ficou preso no buraco, ele não desceu e nem subiu, os que ficaram lá embaixo eles ficaram e os que vieram eles povoaram a Terra.”

Cacica Valdirene

Roteiro de observação

1. Qual a relação do mito de origem do povo Iny com o rio Araguaia?
2. Como o mito de origem do povo Iny chegou até os dias de hoje?
3. O que foi determinante para que o povo Iny povoasse a Terra?
4. Como Valdirene apresenta o Rio Araguaia atualmente?
5. Que exemplos de degradação do Rio Araguaia ela apresenta?

3. Protagonismo e Território:

Nessa etapa a turma analisará a atuação de Valdirene na comunidade. O objetivo é compreender como sua liderança promove a preservação do Cerrado e do Rio Araguaia, garantindo o futuro do território.

Um território vai além do espaço geográfico, pois o território é um local onde as gerações trocam conhecimentos e experiências de vida ao longo do tempo. A atuação de Valdirene é muito forte através da direção do **Colégio Estadual Indígena Maurehi**. A **aldeia Buridina** se localiza no centro da cidade de Aruanã e na beira do rio Araguaia. Valdirene afirma que o seu povo resiste para preservar seu território, que, em parte, se encontra invadido pelo não indígena. Eles resistem também para manter a oralidade, a língua materna, o artesanato, seus mitos e suas histórias.

Ela também destaca o papel da Escola Maurehi como um importante símbolo da preservação da cultura Iny. Destaca a construção do Plano Político-Pedagógico (PPP) próprio e a adoção de livros e atividades contextualizadas à realidade de seu povo.

Roteiro de observação

1. *Como o colégio indígena é organizado para as crianças?*
2. *Por que o Colégio Maurehi representa o futuro e a continuação do povo Iny?*
3. *Qual a relação que você observou entre o Colégio Indígena, a resistência do povo Iny e a preservação do rio e do Cerrado?*

Vocabulário de Campo:

1.Colégio Estadual Indígena Mauheri: localizado em Aruanã (GO), atende as aldeias Karajá (Buridina e Bdè-Burè), focando na valorização cultural e interculturalidade. A instituição, gerida por Valdirene Leão Gomes Cruz, participa ativamente de ações de conscientização e apoio às mulheres indígenas, incluindo temas como autonomia feminina e combate à violência.

2.Aldeia Buridina: a aldeia está localizada no centro da cidade turística de Aruanã, na divisa dos estados do Mato Grosso e Goiás. A relação entre o povo Iny, como se autodenominam os Karajá, e o Rio Araguaia é central, pois, segundo as narrativas indígenas esse povo veio do fundo do Araguaia. Na Aldeia Buridina, os indígenas exibem um artesanato diversificado. São artigos de decoração feitos com madeira e cerâmica, além de bijuterias coloridas e criativas, que levam sementes, penas de diferentes pássaros e plantas do Cerrado. Além disso, existem as bonecas de cerâmica, Ritxòkò na língua Karajá, que foram reconhecidas em 2012 como Patrimônio Cultural do Brasil, nas categorias Saberes e Formas de Expressão.

Material de aprofundamento para o professor(a):

[Ouvir no silêncio: Uma história Karajá. Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica \(PPGEEB\)-UFG. Donizete Rocha da Silva. 2020.](#)

Material audiovisual de aprofundamento para o professor(a):

[Povo Iny - Karajá, Canal Mateus Cândido. Produção de Mateus Candido \(04 min. 52s\), 2021.](#)

Dinâmica final: **Pescando Ideias**

Como funciona?

O professor(a) desenha um peixe no quadro, ou escreve o nome de um peixe do Araguaia, por exemplo, pirarara, jaú, dourado, ou pode escrever PESCARIA no centro do quadro. Peça para cada estudante dizer (ou escrever no quadro se houver espaço) apenas uma coisa boa que ele pescou (aprendeu) com a história de Valdirene.

Exemplo de respostas dos alunos: origem, luta, história, ancestrais, escola, casa. Como vimos, para eles o rio é dignidade e a escola Mau-rehi é o que carrega essa história para o futuro. A luta pela preservação do Araguaia é a luta pela própria sobrevivência do povo Iny Karajá.

Após a dinâmica, encerraremos conectando o início e o fim da aula. Se a ciência alerta que o Rio Araguaia pode secar em 40 anos (Portal G1/2014), a Cacica Valdirene responde a esse fato com a sabedoria de quem protege o território. Sua frase final sela o compromisso da turma com a realidade das comunidades ribeirinhas e a preservação do bioma.

**“O Rio é uma fonte
que lava. Entra no
rio, mergulha e fica
ali em paz, ele lava
a sua alma”**

Cacica Valdirene

A woman with long dark hair and glasses is sitting in a chair, looking slightly to the right. She is wearing a light-colored polo shirt with green and yellow stripes on the sleeves. The background is a dimly lit room with a blue tint, showing some furniture and a doorway. The text is overlaid on the right side of the image.

PESCADORA
**Magda
Maria:**

Identidade e força das águas

2. CINE-DEBATE

RIBEIRINHAS

Tempo sugerido:

50 minutos

Materiais sugeridos:

Canetão ou giz, quadro, televisão, internet.

A proposta de atividade conduz os estudantes do campo das ideias à ação prática na comunidade de Magda Maria.

Orientações:

O objetivo desse momento é destacar a produção audiovisual (documentário) como uma linguagem que pode enriquecer o processo de construção do conhecimento escolar. Possibilita uma visão global e ao mesmo tempo singular de um fenômeno social, no caso, a devastação do Rio Araguaia e do Cerrado. Iniciaremos observando como os elementos visuais, como o cenário e as cores, compõem a série. O objetivo é compreender como essas escolhas de enquadramento e narrativa cinematográfica orientam nosso olhar e transformam nossa forma de ver a realidade. Dessa forma, o cinema torna-se uma linguagem para que o estudante acesse novas realidades e explore possibilidades de transformação social e ambiental.

Primeiro, vamos assistir ao relato completo que narra a trajetória da nossa personagem para, em seguida, realizar uma **análise de cenas** com pausas programadas, permitindo que a turma retome trechos essenciais para discutir a relação entre a preservação do Cerrado e a realidade das comunidades ribeirinhas

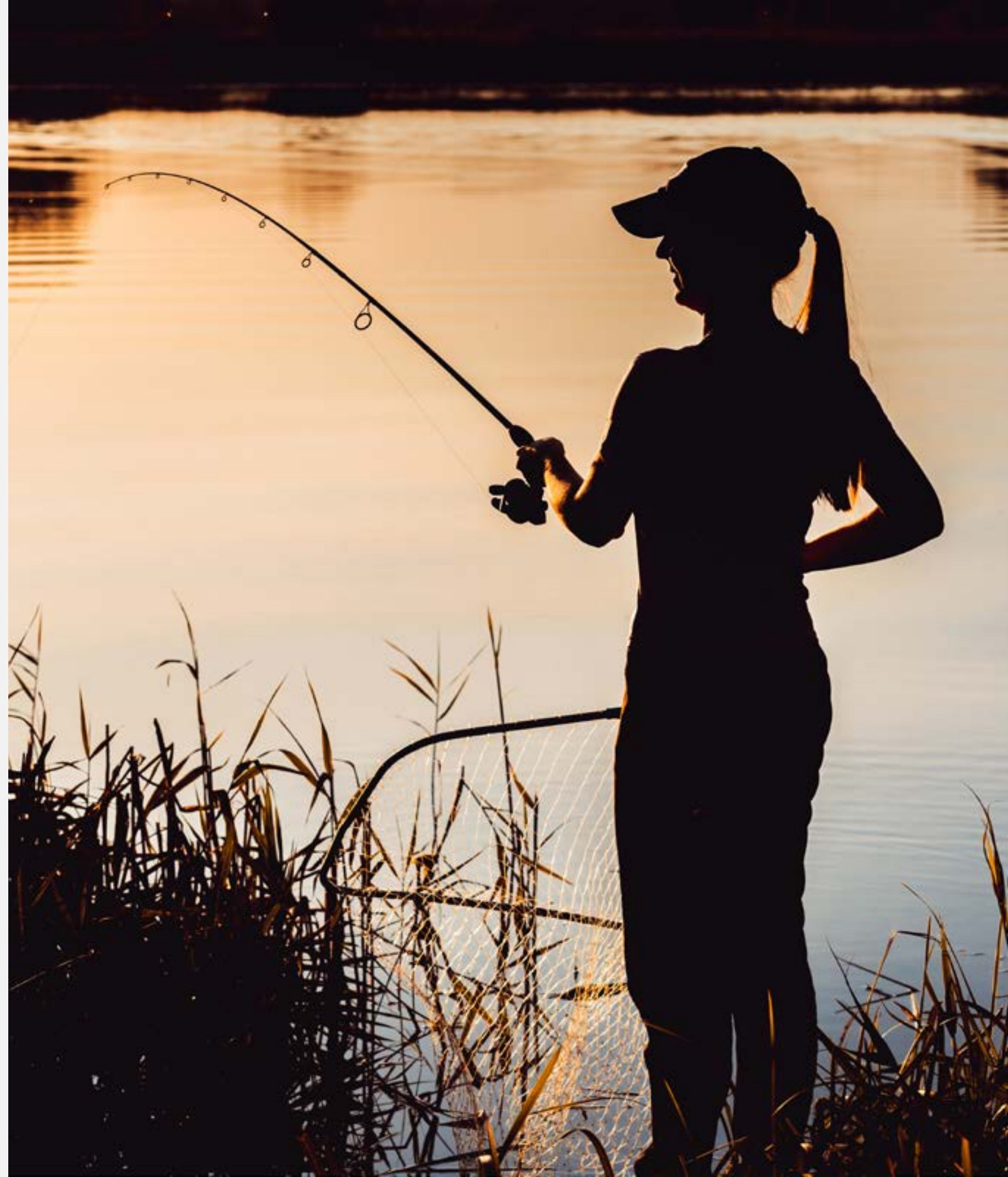
O professor(a) vai retomar as três últimas perguntas da aula passada de forma breve e objetiva relacionando o **Cerrado, o Rio Araguaia e as comunidades ribeirinhas**.

O professor(a) também pode escrever em destaque no quadro: **O rio Araguaia pode secar em 40 anos – Portal G1/2014**.

A aula começa com um convite à reflexão:

Quem aqui gosta de pescar ou tem curiosidade de viver essa experiência?

O Rio Araguaia abriga uma biodiversidade fascinante, e hoje mergulhamos nesse universo pelo olhar de Magda Maria, nossa guia ribeirinha. Vamos começar com a exibição do relato completo de Magda, a pescadora, e, a partir de um roteiro de observação, o vídeo será pausado em momentos estratégicos para analisarmos, juntos, a trajetória e a identidade dessa personagem.



1. Biografia e Identidade:

Nesta etapa, os estudantes são convidados a traçar um perfil da nossa segunda mulher ribeirinha, destacando elementos visuais, cenário, aspectos pessoais, trajetória e os marcos de sua história de vida.

Roteiro de observação

- 1. Antes de Magda surgir na tela, quais são os elementos que ajudam a contar a história dessa ribeirinha?*
- 2. Quais são as imagens que surgem no episódio que sugerem que Magda Maria vive à beira do rio Araguaia?*
- 3. Como Magda Maria se apresenta? Como foi a sua infância?*

2. Empreendedorismo e coletividade:

Nessa etapa vamos compreender o papel da Pousada S.O.S Piraíba como base para a atuação e o sustento de Magda e um centro de ações de preservação ambiental do rio Araguaia. Também vamos compreender como ocorreu a formação e a união das mulheres locais para a prática da pesca esportiva, sob a liderança de Magda, e quais são os principais desafios enfrentados pelo coletivo feminino na região.

Roteiro de observação

- 1. Qual a importância para a atuação de Magda da Pousada S.O.S Piraíba?*
- 2. Como foi formado o grupo de mulheres do Araguaia? Quais são os principais desafios desse grupo?*

Vocabulário de Campo:

1.Grupo de pesca Mulheres do Araguaia: o grupo Mulheres do Araguaia promove a pesca esportiva feminina no Rio Araguaia, Goiás, com eventos exclusivos, focados em união e conservação. As pescadoras destacam-se pelo protagonismo em um ambiente tradicionalmente masculino, organizando encontros técnicos e de lazer.

2.Piraíba: a piraíba (*Brachyplatystoma filamentosum*) é um peixe gigante que pode atingir 3,6 metros e chegar a 200 kg. É o maior bagre da Amazônia. Existem muitas histórias sobre seu comportamento. Por exemplo, dizem que as piraíbas gostam de virar as canoas dos pescadores. Stradelli, no seu Vocabulário Nheengatu – Português de 1929, conta que seu nome poderia vir daí: Pira = Peixe; ayua = Ruim. Por outro lado, o “ruim” poderia referir-se ao gosto pouco apreciado da sua carne. Além disso, há histórias que dizem que a piraíba seria a mãe de todos os peixes.

3. Algumas espécies de peixes do rio Araguaia:

Pirarara – A pirarara é um peixe de couro, de corpo robusto, que pode chegar a 50 kg e alcançar 1,3 metros. Ela se destaca por sua beleza na combinação de cores fortes e bem marcadas, como o vermelho, o amarelo, o laranja e o marrom.

Dourada – Também conhecido como apapá ou sardinhão, a dourada tem cor predominantemente dourada e dorso mais escuro. Um peixe adulto pode chegar até 60 centímetros de comprimento e pesar mais de 7 quilos.

Tucunaré – Uma das espécies mais conhecidas, o tucunaré é um peixe de movimentos ágeis, fortes e até agressivos. Mas apesar de apresentarem essa agressividade, é muitas vezes encontrados aos pares, formando ninhos para protegerem seus filhotes. Eles podem chegar a 30 cm ou mais de 1 m de comprimento, pesando até 8 quilos.

Pintado – Este belo peixe de couro, de médio porte, que pode alcançar quase 2 metros de comprimento e pesar até 80 quilos, é um dos mais valorizados de nossos rios, tanto por impressionar

na pesca esportiva quanto por seu sabor inconfundível.

Bargada – É um peixe raro e mais cobiçado por sua esportividade. Sua espécie também é conhecida como surubim-chicote. Seu tamanho máximo pode alcançar os 1,5 metro. Sua cabeça é grande, achatada e pode medir um terço do total do corpo.

Pirarucu – É um peixe de grande dimensão. Costuma variar entre 2 e 3 metros e pesar de 100 a 200 quilos. Sua cabeça é achatada, sua mandíbula saliente e seu corpo é alongado e com escamas. Seu nome vem da junção de dois termos indígenas: pira = peixe e urucum = vermelho, por causa da cor de sua cauda. Ele é conhecido como o balhau da Amazônia, por passar por um processo de salga, porém corre o risco de extinção devido à pesca predatória. A pesca para consumo, captura ou abate do pirarucu é proibida nessa região há cerca de 10 anos (Lei Estadual nº 19.337/2016 em Goiás). A pesca esportiva (pesque e solte) é permitida, desde que respeitadas as normas.

Material de aprofundamento para o professor(a):

[Peixes do rio Araguaia: espécies, curiosidades e sustentabilidade. Jornal Correio Braziliense. Daniel, 2025.](#)

[Projeto Peixara: Conhecer, Conservar e Prosperar. Coordenação técnica da Dra Lisiane Hahn. 2023.](#)

[Araguaia Vivo: Turismo e Pesca – Araguaia Vivo. Coordenação aeral Mariana Pires de Campos Telles. 2023.](#)

Material audiovisual de aprofundamento para o professor(a):

[Expedição Araguaia 2025. Canal Araguaia Vivo. Direção: Thais Oliveira e Mariana Telles. \(19 min. 24s\), 2025.](#)

3. Sustentabilidade e meio ambiente:

Aqui vamos conhecer a diferença entre a pesca que degrada (predatória) e a pesca que preserva a biodiversidade e gera lucro (esportiva). Vamos discutir o entendimento de que o peixe vivo no rio vale mais para a economia local do que o peixe retirado de forma predatória.

Roteiro de observação

- 1. Como Magda explica a diferença entre pesca predatória e pesca esportiva?*
- 2. Qual a relação da pesca esportiva com a preservação do Rio Araguaia? Por que a Piraíba é um símbolo de luta pela preservação do rio?*
- 3. Que proposta de turismo ecológico Magda apresenta aos turistas de Aruanã?*
- 4. Qual a relação entre turismo ambiental e renda das comunidades ribeirinhas?*

Vocabulário de Campo:

1. Pesca esportiva: é uma atividade de lazer e turismo focada na captura de peixes sem fins comerciais, baseada no princípio do ‘pesque e solte’, segundo o qual o peixe é devolvido vivo à água. A prática visa o prazer da pesca, a superação de desafios, a conservação ambiental e a preservação das espécies. O objetivo da pesca esportiva é fisgar o peixe, não para consumo ou comércio, mas pelo prazer de pescar. Por isso os peixes são devolvidos vivos à natureza. Geralmente os pescadores pesam, medem e fotografam o peixe antes de devolvê-lo à água.

2. Pesca predatória: a pesca predatória, ou sobrepesca, é a captura excessiva e insustentável de peixes e outros organismos aquáticos, realizada a uma velocidade superior à capacidade de reprodução natural da espécie. Essa prática ignora regulamentações ambientais, resultando em declínio populacional, danos severos aos ecossistemas e risco de extinção.

3. Turismo ecológico: conhecido também como ecoturismo, é uma modalidade sustentável que utiliza o patrimônio natural e cultural de forma responsável. Focado na conservação ambiental, educação e bem-estar das populações locais, ele promove atividades como trilhas, observação de fauna/flora e rapel, minimizando impactos negativos e valorizando a cultura local.

Material de aprofundamento para o professor(a):

[Girls Fishing. Fundada por Tathi Rodrigues, 2019.](#)

[Cartilha da Pesca Amadora e Esportiva. Ministério da Pesca e da Aqüicultura. Governo Federal. Vários autores. 2023.](#)

[A pesca predatória em Goiás. Anais do I Simpósio Nacional de Geografia e Gestão Territorial e XXXIV Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina. Andréa dos Santos Vieira e Matheus de Oliveira. 2018.](#)

[Ecoturismo: orientações básicas 2º edição. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo. 2010.](#)

Material audiovisual de aprofundamento para o professor(a):

[Episódio 5: O mar não está para peixe. Canal Diário do Nordeste. Direção: Dado Fernandes. \(15 min..\), 2023.](#)

Dinâmica final: **Pescando Ideias**

Como funciona?

O professor(a) desenha um peixe no quadro ou escreve o nome de um peixe do Araguaia, por exemplo, pirarara, jaú, dourado, ou pode escrever PESCARIA no centro do quadro. Peça para cada estudante dizer (ou escrever no quadro se houver espaço) apenas uma coisa boa que ele pescou (aprendeu) com a história da Magda.

Exemplos de respostas dos alunos: coragem, peixe vivo, união das mulheres, cuidar do rio, pousada. Quando o quadro estiver

cheio de palavras, conectamos o fato inicial — o risco de secamento do Rio Araguaia — à resposta de Magda. Sua atuação subverte a lógica da extração: sua pesca é de consciência. Ao afirmar seu compromisso vital com a preservação da piraíba e a herança desse cuidado para as futuras gerações, ela ensina que a sobrevivência do rio depende da nossa capacidade de transformar a luta individual em um legado coletivo.

“Eu vou lutar pela preservação da Piraíba enquanto vida eu tiver e eu quero passar esse legado para o meu filho, para meus netos.”

Magda Maria

Referências Bibliográficas:

ALVES, Evandro. Cerrado em quadrinhos: experiências e contribuições para o ensino de Geografia. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BANIWA, Gersem. Educação e povos indígenas no limiar do século XXI: debates interculturais. Capítulo 2. p.59-101. In: Baniwa, Gersem. Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos / Gersem Baniwa. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019.

BERGALA, Alain. A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink - CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. O turismo de pesca, ecoturismo e as belas paisagens do Rio Araguaia. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/as->

suntos/noticias/o-turismo-de-pesca-ecoturismo-e-as-belas-paisagens-do-rio-araguaia.

CARDENUTO, Reinaldo. Ser cineasta, ser historiador. In: RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). Teoria contemporânea do cinema. São Paulo: Senac, v. 2, 2005.

CERRI, Luiz Fernando. Ensino de história e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2011.

CRUZ HERNÁNDEZ, Delmy Tania; PAREDES GUZMÁN, Adriana (org.). Corpos, territórios e feminismos: compilação latino-americana de teorias, metodologias e olhares. Tradução de Diogo de Oliveira Corrêa e Vanessa de Abreu. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2020.

EDWARDS, Verónica. Os sujeitos no universo da escola: um estudo etnográfico no ensino primário. São Paulo: Editora Ática, 1997.

FRESQUET, Adriana. Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e fora da escola. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOIÁS TURISMO. Agência Goiana de Turismo. Elaboração do Plano de desenvolvimento integrado do turismo sustentável (PDITS) do polo Vale do Araguaia. Goiânia: Ministério do Turismo,

2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/10919717-Elaboracao-do-plano-de-desenvolvimento-integrado-do-turismo-sustentavel-p-dits-do-polo-vale-do-araguaia.html>

GUZMÁN, Patricio. Filmar o que não se vê: um modo de fazer documentários. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

HABER, Alejandro. Nometodología Payanesa: Notas de metodología indisciplinada. Revista Chilena de Antropología, Vol. 23, 2011.

ICMBio. Cerrado em flores: espécies nativas em unidades de conservação do DF. Brasília, 2018.

KAPLAN, E. Ann. A mulher e o cinema: os dois lados da câmara. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAGNY, Michèle. O cinema como fonte de história. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (org.). Cinematógrafo: um olhar sobre a história. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MAIA, T. G. P. ARAÚJO; O. C. G. NAZARENO, Elias. Transdisciplinaridade e interculturalidade: experiências vividas e compartilhadas no curso de educação intercultural indígena – UFG (2018).

Roteiro, Joaçaba, v. 44, n. 2, p. 1-22, maio/ago. 2019.

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac. Cinema de brincar. Rio de Janeiro: Azougue, 2019.

MELO, Jonas Israel de Sousa. O Rio Araguaia: Povoamento e mudanças na paisagem (1513-1967). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2000.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo (1975). In: XAVIER, Ismail (org.). A experiência do cinema: antologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, p. 437-453, 2008.

PENA, Rodolfo F. Alves. Cerrado: a caixa d'água do Brasil. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/cerrado.htm>. Acesso em: 13 jan. 2019.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. A pedagogia da retomada: descolonização de saberes. Articulando e Construindo Saberes, v. 2, nº 1, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org.). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Set. 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal, o que é mesmo documentário? São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílían do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. Tradução de Ivana Medeiros. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SANTOS, M. A. S. dos; SANTOS, C. A. dos (org.). Pesca artesanal no rio Araguaia: saberes e práticas. Brasília, DF: Embrapa, 2022. 1 e-book. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1141087/1/lv-pesca-artesanal-no-rio-Araguaia.pdf>

SANTOS, M.O. Estudo econômico-ecológico do rio Araguaia: região de Aruanã pela demanda turística. 2006. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Evolução) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2006.

SILVA, Thiago de Faria. Escola, História e Claquete. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Cássio Roberto da. Geodiversidade do Brasil: conhecer o passado, entender o presente e prever o futuro. Rio de Janeiro: CPRM, 2008.

SOUZA, Clara Lúcia Francisca et al. O cerrado como o “berço das águas”: potencialidades para

a educação geográfica. Revista Cerrados, Montes Claros, v. 17, n. 1, p. 86-113, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/1021>

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SMITH, Linda Tuhiwai. Metodologias indígenas: caminhos para a descolonização da pesquisa. Tradução de Larissa J. Ferreira. 1. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales: Gritos, grietas y siembras de vida: Entretejer de lo pedagógico y lo decolonial. In: WALSH, Catherine. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO II. Ediciones Abya-Yala, Serie Pensamiento decolonial, 2017.

Informações de imagens:

Ilustração capa - Vitória Melo Fonseca

Mapa 1: Adaptação própria do mapa “Biomas e Sistema Costeiro-Marinheiro do Brasil, compatível com a escala 1:250 000 (IBGE, 2025).” Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/estudos-ambientais/15842-biomas.html?=&t=downloads>

Mapa 2: Adaptação própria do mapa “Mapas das Divisões Hidrográficas do Brasil (IBGE, 2021)”. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/informacoes_ambientais/estudos_ambientais/bacias_e_divisoes_hidrograficas_do_brasil/2021/Divisao_Hidrografica_Nacional_DHN250/mapas/

Mapa 3: Corredor da Onça - Rio Araguaia/ Rio Tocantins. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1050049-PROPOSTA-CRIA-CORREDOR-ECOLOGICO-PARA-A-PROTECAO-DA-ONCA-PINTADA>

Fotografia 1 - Série Ribeirinhas/Reprodução

Fotografia 2 - Vista aérea do Araguaia | Reprodução

Fotografia 3 - Maurício Mercadante/Creative Commons

Fotografia 4 - Chapada dos Veadeiros, Alto Paraíso (GO)| Marcelo Camargo/Agência Brasil

Fotografia 5 - @Thpelin/Creative Commons

Fotografia 6 - Cachoeira Dois Saltos, Mineiros (GO)| Pablo Regino/MT

Fotografia 7 - Parque Estadual de Terra Ronca (GO)| Rogério Pires Oliveirsa/Creative Commons

Fotografia 8 - Parque Estadual de Terra Ronca (GO)| Bruno Henning/Creative Commons

Fotografia 9 - Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, Alto Paraíso (GO)| Miguelsjacob/Creative Commons

Fotografia 10 - Parque Nacional das Emas (GO)| Jhonatan Fleury/Creative Commons

Fotografia 11 - Chapada dos Veadeiros, Alto Paraíso (GO)| Augusto Miranda/MTur

Fotografia 12 - Balsas (MA)| Fernando Frazão/Agência Brasil

Fotografia 13 - Marcelo Camargo/Agência Brasil

Fotografia 14 - Leonardo Ramos/Creative Commons

Fotografia 15 - Parque Estadual do Cantão (TO) Jorge Lansarin/Creative Commons

Fotografia 16 - Levi Carina Terribile, Lucas Jardim e Patrick Thomaz de Aquino Martins/Acervo Pessoal

Fotografia 17 - Joédson Alves/Agência Brasil

Fotografia 18 - Série Ribeirinhas/Reprodução

Fotografia 19 - Série Ribeirinhas/Reprodução

Fotografia 20 - @ tescka1/Magnific

Ribeirinhas nas escolas: Cinema e Educação pelo

CERRADO VIVO

Coordenação geral e pesquisa

Fabiana Assis

Roteiro e curadoria audiovisual

Lidiana Reis

Gestão e coordenação técnica

Dilvo de Araújo Constantino e Tihaná Hirata

Consultoria e produção de conteúdo educacional

Joyci Viegas

Design gráfico e site

Vitória Melo Fonseca

Comunicação e assessoria de imprensa

Mariana Belley

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PRODUÇÃO



Projeto realizado com recursos da Prefeitura de Goiânia